



RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Estrela principal do internacionalmente badalado “Vicentina Pede Desculpas” (em cartaz em SP nesta quinta, às 17h, no Reserva Cultural), a mineira Rejane Faria abriu o ano nas telas da Holanda, no Festival de Roterdã, unindo forças à potiguar Tânia Maria, a Dona Sebastiana de “O Agente Secreto” (2025), num esplendoroso exercício de nosso cinema por veredas sci-fi: “Yellow Cake”.

O título pode ser associado ao cuscuz, mas, na abordagem de seu realizador, Tiago Melo (“Azougue Nazaré”), não espere significados de tradução ou definição imediatos, pois tudo em cena caminha pelo mistério. Quem passar por sua projeção, esta noite, às 18h40, no Cinesystem Frei Caneca 1, na 50ª edição da Mostra de SP, vai embarcar numa jornada que passa pela ciência, pela corrupção política, por radiação, por um tipo exótico de dengue e por formas variadas de desejo.

“Não sei quando ouvi falar em dengue pela primeira vez, mas acho que, desde quando nasci e aprendi a falar ‘cadeira’... ‘mesa’... ‘comida’, a palavra ‘mosquito’ faz parte da minha vida. Até no programa da Xuxa tinha a personagem da Dengue. Nós somos de Recife. Lá, os casos (de contaminação por Aedes aegypti) eram muitos”, explicou Tiago, ao Correio da Manhã, numa conversa via Zoom de Roterdã, ao lado da produtora Carol Ferreira. “Mosquito é um bicho que tem

Zumbidos do mistério e da ciência

Sensação de Roterdã, ‘Yellow Cake’ flana pela grade da maratona paulistana nesta quinta, com Rejane Faria e a aclamada Dona Tânia Maria



Rejane Faria é a cientista que investiga um contágio nuclear em ‘Yellow Cake’

vários nomes. Em Recife, chama-se muriçoca; no Acre, carapanã. Essa coisa das doenças que ele transmite é assustadora. Daí a premissa: e se ele comesse a transmitir radiação?

E se ele pudesse se adaptar acima da linha do Equador?”

Projetado em Roterdã na seção competitiva Tiger, “Yellow Cake” fez barulhinho dos bons nas asas

de uma criatura que faz dessa ficção científica nordestina um “filme de monstro”: o Aedes aegypti. A pica-da do mosquito que assombra a trama carrega uma praga atômica. Am-

bientado no município de Picuí, na região da Borborema, no Seridó Oriental paraibano, e falado parcialmente em Inglês, o longa-metragem transborda tensão ao explorar um dos lados mais perigosos da mineração: o risco de contágio por elementos radioativos. Minérios como tântalo, nióbio e (sobretudo) urânio estão no foco da investigação de Rúbia Ribeiro (Rejane Faria), uma cientista nuclear envolvida em um projeto secreto para erradicar o Aedes aegypti utilizando a riqueza mineral da região. Agentes dos EUA, mosquitos famintos e conflitos políticos estão no leito desse rio de brasilidade cristalina, onde Dona Rita (Tânia Maria) é interlocutora de Rúbia e alvo dos monstros que zumbem.

“Quis fazer um filme onde a Ciência fosse protagonizada por uma mulher brasileira preta, do Nordeste. Nosso saber científico, absurdamente, é sempre colocado como algo menor. Basta aparecer um pesquisador estrangeiro que ele será mais valorizado. O governo aceita um projeto nuclear controverso de um cientista estrangeiro apenas porque ele é americano. Isso é assustador”, explica Tiago, lembrando que Tânia Maria vive a 15 minutos de Picuí. “Sempre quis tê-la para o elenco, por ela ser do local. E rodamos a primeira fase da filmagem em 2022, antes de ela ter feito ‘O Agente Secreto’. Grande atriz, ela ensaia muito. Vive o processo todo”.

Na conta de Carol Ferreira, a gestação de “Yellow Cake”, entre financiamento e realização, levou uma década: “É um projeto de R\$ 3,3 milhões, captado em editais pequenos, sem os quais não existiríamos. É um filme de baixo orçamento que só existe pela destreza da produção”, diz Carol, que leva “Yellow Cake” à Mostra de novo no dia 27, no Cine Tutu, 18h30.

DICAS DE TERÇA

POR **RODRIGO FONSECA**



BUTTERFLY JAM, de Kantemir Balagov (França/EUA): O diretor de “Uma Mulher Alta” (“Beanpole”, 2019) segue os passos de Pyteh (Talha Akgodan), um adolescente eslavo de 16 anos, que vive em Newark, na Costa Leste dos EUA, e divide a vida entre os treinos de luta livre e o restaurante da família, que atravessa dificuldades financeiras. Quando o pai, interpretado por Barry Keoghan, toma uma decisão impulsiva, o rapaz é forçado a confrontar-se com o crime. Onde e quando: Cultura Artística, 12h.



FRÁGIL COMO O MUNDO, de Rita Azevedo Gomes (Portugal): Vera e João são dois jovens que se amam, mas têm o tempo contra si. O desejo de estarem juntos os obriga, em uma espécie de jogo infantil, a fugir dos amigos, de casa, das pessoas e do mundo. Isolados em uma floresta, fazem um pacto para nunca se separarem. Um dia, Vera adoce. Se João não pode deixá-la, também não pode evitar a necessidade de pedir ajuda. A fé inabalável no amor dos dois está prestes a se quebrar. Onde e quando: IMS, 14h.



O FOGO QUE VOCÊ CARREGA (“Il Fuoco Che Ti Porti Dentro”), de Edoardo De Angelis (Itália): Eis o trabalho mais maduro do realizador de “Comandante” (2023). Antonio (Lino Musella) construiu uma vida de sucesso em Milão, longe de sua mãe excessiva, Angela (Vanessa Dcalera). Ela chega para o Natal, transformando a ceia em celebração ao nascimento de Jesus em um campo de batalha emocional que revela mal-entendidos do passado e transforma laços. Onde e quando: Cinesystem Frei Caneca, 21h25.